

A DANÇA DO CARIMBÓ COMO ARTE EXPERIMENTADA NA CULTURA AMAZÔNICA

Leika Cristiane Ribeiro da Costa¹
Carla Regina Santos Paes²
Douglas Junio Fernandes Assumpção³
Analaura Corradi⁴

Resumo: A cultura da Amazônia está ligada intrinsecamente às raízes indígenas. No entanto, a mistura da cultura europeia e africana, tornou-a indissociável da própria identidade brasileira. Desta forma o presente estudo apresenta reflexão sobre a dança do carimbó como arte experimentada na cultura amazônica, em livros e periódicos por meio de revisão bibliográfica, descritiva em abordagem qualitativa. O objetivo é fazer uma reflexão da dança do carimbó como arte e cultura amazônica, buscando mostrar que não é apenas um gênero de música ou uma dança popular, mas a cultura que expressa as emoções do ser humano, sua história e principalmente seus valores amazônicos.

Palavras-Chave: Carimbó; representação social; estereótipo; movimentos sociais; identidade.

THE DANCE OF CARIMBÓ AS EXPERIENCED ART IN AMAZON CULTURE

Abstract: Amazonian culture is inextricably linked to indigenous roots. However, the mixture of European and African culture made it inseparable from the Brazilian identity itself. In this way, this study presents a reflection on the carimbó dance as an art experienced in Amazonian culture, in books and periodicals through descriptive bibliographic reviews, in a qualitative approach. The objective is to reflect on the carimbó dance as Amazonian art and culture, seeking to show that it is not just a genre of music or a popular dance, but the culture that expresses the emotions of the human being, its history and especially its Amazonian values

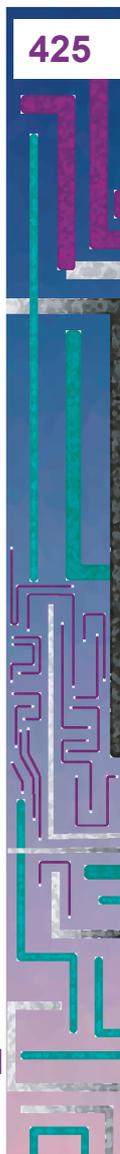
Keywords: Carimbó; social representation; stereotype; social movements; identity.

1 Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Coordenadora do Centro de Idiomas do Instituto Federal do Pará (IFPA) – Campus Tucuruí. E-mail: prof. letras@hotmail.com

2 Doutoranda e Mestra pela Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). É integrante do Grupo de Pesquisa (GP) Estudos de Capital Social – UNAMA/CNPq. E-mail: paes.c@globo.com

3 Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Indústria Criativa (PPGIC) da Universidade Feevale (FEEVALE). Vice-líder do Grupo de Pesquisa (GP) Estudos de Capital Social – UNAMA/CNPq. E-mail: rp.douglas@hotmail.com

4 Doutora em Ciências Agrárias. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA); Líder do Grupo de Pesquisa (GP) Estudos de Capital Social e Cultural no contexto da mídia contemporânea (UNAMA/CNPq). E-mail: corradi7@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Considerando que a “cultura” tem enfoque multidisciplinar, logo defini-la não é tão simples como pode parecer, pois dependendo da área a ser trabalhada, o seu foco perpassa diferentes áreas no dia-a-dia das pessoas, inclusive alterando a semântica para ideologia, tradição e outros termos que se adéquo a realidade contemporânea, comprovando a dificuldade em defini-la.

Nesse contexto, Williams (2007, p. 117) afirma que “a palavra cultura vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração, e que até o século XVI, o termo era utilizado, como referência a ação e a processo”. Porém, a partir do final do século passado, a palavra cultura ganha destaque ao também designar como o desenvolvimento das faculdades humanas, tornando as obras artísticas e as práticas que sustentam este desenvolvimento como a própria cultura.

Cuche (2002) e Williams (2007) indicam que os séculos XVIII e XIX como sendo o período de concretização do uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos, onde foi acrescentado complemento para confirmar o assunto cultivado, como cultura das letras ou das ciências por exemplo. E assim, a cultura passa a aderir sentidos abalizados em países como a França e a Alemanha.

No pensamento iluminista francês, a cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história, onde em seu vocabulário da época, a palavra associava-se às ideias de progresso, de evolução, de educação e de razão. Assim, a cultura e a civilização caminhavam juntas, a primeira evocava os progressos individuais e a segunda, os progressos coletivos. Surgindo assim, o entendimento as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e chegar ao estágio de progresso das nações civilizadas. O resultado desse entendimento é vivido atualmente, que caracteriza como possuidores de cultura os indivíduos detentores do saber formal.

Na Alemanha, não foi diferente do que aconteceu na França, os primeiros usos do sentido figurado de *Kultur* no século XVIII eram parecidos aos dos franceses, pois os príncipes da aristocracia alemã estavam apenas preocupados em imitar as maneiras civilizadas da corte francesa (CUCHE, 2002, p. 25).

O tema enunciado “a dança do carimbó como arte experimentada na cultura amazônica”, não envolve conceitos somente de cultura, mas também de arte que, embora se relacionem, são completamente distintos. Por isso utilizam-se as contribuições das teses de John Dewey para o ensino da arte, educação e estética, as quais foram interpretadas e apropriadas de várias maneiras, com tentativas de transformar os seus pressupostos em práticas e métodos de ensino (BARBOSA & COUTINHO, 2011).

Em busca de combater as desigualdades sociais, o governo brasileiro nos idos do ano de 1950 entendeu que a educação fazia parte do sistema cultural e que deveria ser mais amplo, por isso promoveu a produção de pesquisas sobre o ensino da arte e, igualmente, sobre a educação por meio da arte. Expandiu a abordagem que sublinhava o treino de técnicas e a profissionalização, veiculou teorias que privilegiavam a liberação emocional, sem direcionamentos que viessem a impedir o desabrochar da originalidade e da criatividade. Sem o estudo adequado dos textos produzidos por Dewey, tornou-se sinônimo de mera liberação de sentimentos, e a arte, uma habilidade voltada exclusivamente à livre fruição (BARBOSA & COUTINHO, 2011).

A poesia, a dança, o drama, o canto, os instrumentos musicais, podem ser caracterizados como arte porque se conformavam às necessidades e condições da experiência mais intensa, mais prontamente aprendida e mais longamente lembrada, como a cultura do carimbó que envolve todas essas características.

O carimbó é de conhecimento público por meio da mídia, que a sua cultura é uma manifestação influenciada pelas culturas dos índios por meio da dança em formato de roda e em alguns instrumentos de percussão como as maracás; do negro africano através do batuque (síncopes, antifonias e polirritmias), na aceleração do ritmo e no “molejo”, e dos portugueses por meio da dança em pares ou mesmo individualmente com gestos, palmas e estalar de dedos, além dos padrões melódicos.

O carimbó se apresenta como uma manifestação cultural que congrega um conjunto de práticas sociais festivas seculares, assim como, religiosas incorporadas no cotidiano de populações em alguns municípios no Estado do Pará, através do canto; da música com letras que versam sobre o cotidiano do caboclo e do trabalho do agricultor e pescador do lugar, e principalmente da dança.

A ARTE NA CULTURA AMAZÔNICA

Dewey (2010, p. 216) comenta que a arte pode ser entendida como experiência, assim como, é considerada uma forma de linguagem, em função de que toda experiência consciente torna-se um ato de expressão, comunicando intenções; “cada arte fala um idioma que transmite o que não pode ser dito em nenhuma outra língua”, e esse processo acontece através da relação que envolve o quem fala, com aquele se está falando.

Assim, pode-se dizer que a conversação artística não possui a mesma atitude da comunicação que se realiza por palavras, símbolos que substituem objetos e ações com o objetivo de indicar a sua correspondência com a realidade. A arte comunica a existência de objetos novos vivenciados, aos quais se associam significados singulares; a arte expressa tanto o conhecido – sejam experiências ou técnicas – quanto o que se exprime por meio da abstração individual, viabilizando obter distanciamento do significado exato das coisas.

Dewey (2010) tenta demonstrar como é necessário distinguir entre, elevados ao status de obras de arte, mas separados da experiência temporal e social de sujeitos contemporâneos, e as formas novas de sensibilidade, na verdade, específicas e adequadas, pois segundo ele, não são universais, mas se justificam em cada época, permitindo a esses sujeitos expressarem a própria condição de vida.

Ele diz, que tirar o caráter sagrado da arte, entendida como experiência apartada da vida humana, foi agravada pelo capitalismo, cuja “influência” se fez sentir na instituição da arte: “O crescimento do capitalismo foi uma influência poderosa no desenvolvimento do museu como o lar adequado para as obras de arte, assim como na promoção da ideia de que elas são separadas da vida comum”. Associado ao materialismo crescente sobre as

sociedades modernas, o capitalismo “enfraqueceu ou destruiu o vínculo” das obras de arte com os seus respectivos contextos de origem, dos quais eram essas obras a “expressão natural” (DEWEY, 2010, p. 286).

A ruptura desse vínculo, determinou a abertura de um “abismo entre a experiência comum e a experiência estética”, produzindo um esteticismo desenfreado que muito tem a ver com os modos de operar do comércio e do mercado, mas pouco com a experiência da arte. Assim, Castells (2014), por sua vez, considera que o momento atual é percebido por meio da mudança na cultura material, como resultado do novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Esse paradigma tem como pressuposto a aplicação de conhecimento na geração de novos conhecimentos e dispositivos, num contínuo de inovação, uso e processamento da informação.

Castells (2014) considera que o processo não se dá de forma homogênea, admitindo, pois, a existência de várias sociedades da informação, com suas diversidades e especificidades. Porém, Guedes (2009) defendem que a compreensão do conceito de sociedade da informação ocorre a partir de critérios não mutuamente excludentes – tecnológico, econômico, ocupacional, espacial e cultural – que a distinguem de outros tipos de sociedades.

Nesse sentido a compreensão de sociedade da informação destaca as inovações tecnológicas, onde o avanço do processamento, do armazenamento e da transmissão de informação resulta no uso dessas tecnologias em todas as esferas da sociedade. A informação passa a ter valor econômico permitindo qualificar e quantificar as sociedades, conforme o seu acesso à informação e seu uso.

Os fatores culturais sofrem transformações visíveis nas vivências cotidianas, pelo aumento da circularidade da informação, da influência da mídia e da profusão de significados simbólicos que envolvem o indivíduo. Entretanto, Guedes (2009) comentam que da percepção dessas transformações surgem os modelos ou padrões culturais que caracterizam os grupos sociais – biológica, artística, linguística e materialmente. Nesse contexto, a cultura é dinâmica, histórica e resulta da intervenção humana sobre o mundo e, por extensão, das escalas de valores que vão sendo criadas no cotidiano comunitário.

De fato, Castells (2014) define a identidade como o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou mesmo em atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado. Diante da multiplicidade de interpretações e usos do termo cultura, foram adotadas neste estudo três concepções fundamentais de entendimento da cultura, como: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano.

Em relação à primeira concepção referente a modos de vida que caracterizam uma coletividade, a cultura é definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais. Ela se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas (BOTELHO, 2001, p. 2).

Chauí (2005, p. 81) chama a atenção para a necessidade de alargar o conceito de cultura, tomando-o no sentido de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais”. Valoriza-se o patrimônio cultural imaterial - os modos de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que remontam ao mito formador de cada grupo, neste caso, a dança do carimbo como cultura da amazônia influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo, que recebe importante influência dos povos indígenas que formam as sociedade do universo amazônico.

A segunda concepção é dotada de uma visão mais restrita da cultura, referindo-se às obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, vistas, sobretudo como atividade econômica. Esta dimensão não se dá no plano da vida cotidiana do indivíduo, mas sim em âmbito especializado, no circuito organizado. “É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001, p. 2).

A produção, distribuição e consumo de bens e serviços que conformam o sistema de produção cultural se tornou estratégica para o desenvolvimento das nações, na medida em que estas atividades movimentam uma cadeia produtiva em expansão, contribuindo para a geração de emprego e renda (REIS, 2007).

De acordo com Reis (2007, p. 1), a economia da cultura estuda a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas. Vista sob esse ângulo, a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico. Além das tradicionais atividades culturais, como literatura, artes visuais, teatro, música, dança, audiovisual, arquitetura e artesanato, as indústrias criativas também abarcam outros setores como moda, designer, marketing e propaganda, decoração, esportes, turismo, aparelhos eletrônicos, tecnologia, telefonia, internet, brinquedos e jogos eletrônicos.

Na relação entre cultura e mercado, acontecem dois processos distintos: a mercantilização da cultura, quando as atividades culturais passam a ser concebidas visando à distribuição em massa e, conseqüentemente, a geração de lucro comercial; e a culturalização da mercadoria, que ocorre através da atribuição de valor simbólico a objetos do uso cotidiano. Até mesmo as características culturais de um determinado local ou povo podem ser transformados em bens vendáveis para o turismo ou como *lôcus* para a produção audiovisual.

A terceira concepção da cultura ressalta o papel que ela pode assumir como um fator de desenvolvimento social. Sob esta ótica, as atividades culturais são realizadas com intuitos sócio-educativos diversos: para estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente; no apoio ao desenvolvimento cognitivo de portadores de necessidades especiais ou em atividades terapêuticas para pessoas com problemas de saúde; como ferramenta do sistema educacional a fim de incitar o interesse dos alunos; no auxílio ao enfrentamento de problemas sociais, como os altos índices de violência, a depredação urbana, a ressocialização de presos ou de jovens infratores (CASTELLS, 2014).

Assim pode-se afirmar que de todas as teorias filosóficas da arte, talvez a que mais se aproxime da estética de Dewey, segundo o que ele mesmo afirma, seja a da teoria da arte como brincadeira. Pelo menos aí haveria o reconhecimento da necessidade da

ação, do fazer algo. Não há arte, para Dewey, sem a noção fundamental de que a ação permite a passagem do não ser para o ser, noção que é basilar também para o conceito de experiência. A experiência que deflagra a atividade artística, para Dewey, não pode ser coercitiva, mas livre e prazerosa, implicando não o trabalho em sua forma usual, pejorativo, mas sob a forma de uma experiência estética.

A arte que interessa realmente surge a partir do poder de realização de novas adaptações, perfazendo-se como experiência estética - portanto, significativa - em um tempo que é tão somente o de seu presente, consoante ao desfrute ou ao gozo que ela proporciona -, por conseguinte, não duradoura, mas não apartada do mundo. A experiência é, assim, sempre tratada como positiva, na medida em que, só tende a incrementar a vida.

O CARIMBÓ COMO CULTURA AMAZÔNICA

A diversidade sociocultural é marca registrada na Amazônia, formada por populações que habitam no espaço urbano e rural, e que povoam pequenas e médias cidades com infraestrutura precária e com ausência de serviços básicos. Dentre essas populações, estão indígenas, quilombolas, caboclas ribeirinhas e da floresta, sem-terra, assentadas, pescadores, camponesas, posseiras, migrantes, oriundas, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras populações.

A cultura da Amazônia está ligada intrinsecamente às raízes indígenas. No entanto, a mistura da cultura europeia e africana, tornou-a indissociável da própria identidade brasileira. Nesse contexto, Veríssimo (2010) afirma que o Brasil é uma região onde as raças se mesclam, fazendo desaparecer quase que por completo os tipos puros e a região amazônica é um exemplo desse fato.

De acordo com Maués (2009) a cultura cabocla amazônica tornou-se a expressão mais popular das cidades paraenses. Pode-se dizer que é uma cultura de fisionomia própria, predominando os elementos indígenas, mesclado a caracteres negros e europeus e tendo como ator principal o caboclo, que é resultante da miscigenação do índio com o branco, onde sua força cultural origina-se na forma de articulação com a natureza assim registra-se na figura 01

Figura 01 - Apresentação de carimbo em uma área rural



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/carimbo/> (2020)

Os impactos culturais modificaram a Amazônia, resultando em perdas e ganhos do ponto de vista cultural em função do contato interétnico. Mesmo considerando a importância da biodiversidade amazônica, Maués (2009) comenta que há outra riqueza igualmente importante na Amazônia chamada de sociodiversidade. As citadas diversidades tornam a relação, seleção e mapeamento conceitual de um sistema de organização do conhecimento especializado no domínio “cultura amazônica” uma tarefa difícil.

Porém, Braudel (2011) propõe ideias fundamentais para que seja pensado nesse aspecto, para que demonstre a possibilidade do estabelecimento de limites em uma cultura híbrida. Por isso que a dificuldade de análise da atualidade acontece em função de suas mudanças serem muito lentas e morosas, portanto, só poderá ser realizada a partir de um olhar num passado longínquo (Figura 02). Porém, afirma que fronteira nenhuma é fechada e que uma civilização estará sempre recebendo e exportando bens culturais.

Figura 02 - Apresentação de carimbó em uma cidade



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/carimbo/> (2020)

Ainda de acordo com Braudel (2011), nem todas as civilizações, que construíram seus padrões culturais em raízes sólidas, estão preparadas para assimilarem os bens da vida moderna. Isso explica porque conseguem salvaguardar suas originalidades, tornando sua verdade pessoal, em função de ter lançado a mão do que incomodava vindo das terras limítrofes e estrangeiras. Isso acontece porque as civilizações apresentam o que é chamado de estruturas culturais. Essas estruturas possuem raízes profundas que duram muito tempo e oferecem traços distintivos e originais que conferem às civilizações sua fisionomia particular. Dificilmente permutam, pois são valores insubstituíveis que conduzem ao âmago de uma civilização.

Assim, é possível perceber que uma cultura ou civilização, embora dividam incessantemente, muitas trocas de bens culturais de toda ordem, ainda conservam em seu interior particularidades originais, recusando trocas que afetem suas estruturas profundas. Sendo assim, em relação à cultura amazônica, é possível entender que ela compõe de traços culturais que permite uma fisionomia particular e esta originalidade compõe o que se pode chamar de “cultura amazônica”.

De acordo com Loureiro (2001), a originalidade amazônica encontra-se em maior proporção no espaço como espaço rural. Neste, a sociedade está mais ligada às raízes culturais por ter preservado a cultura tradicional construída há muito tempo pelo homem amazônico e, o capitalismo ainda não se apoderou totalmente nesse espaço da Amazônia.

Para Novo (2010), a cultura amazônica pode ser observada do ponto de vista da modernidade, pela dinâmica de suas cidades, ou pelo ponto de vista de suas raízes mais profundas criadas há muito tempo pelos nativos indígenas, pela dinâmica menos frenética dos municípios do interior paraense. Também pode ser examinada por dois espaços culturais: o espaço rural e o espaço urbano amazônico. Os resultados revelam que o espaço mais autêntico de preservação da identidade amazônica foi o espaço rural.

De acordo com Loureiro (2001), a cultura amazônica, como qualquer conhecimento humano, é dinâmica e vem se transformando ao longo de sua história. Os valores culturais obtidos pela troca com outras civilizações se agregam e vão modificando o domínio ao ponto de, em alguns casos, a mudança ser tão brusca que implica em certa perda de identidade cultural amazônica.

Para a Antropologia Cultural, manifestação cultural é toda forma de expressão humana, seja através de celebrações e rituais ou através de outros suportes como imagens fotográficas e fílmicas, assim como, as expressões das culturas humanas também são veiculadas através de outras linguagens, escritas ou verbais. Já de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, os bens sócio-ambientais diferem-se em culturais, históricos, artísticos, arqueológicos, etnográficos e paisagísticos. São bens que têm a característica de estarem vinculados à história, memória ou cultura do país.

Nesse sentido o carimbó é uma manifestação folclórica que inclui dança e música. Termo associado a uma espécie de tambor africano feito com um tronco escavado internamente, onde, em uma das extremidades é aplicado um couro descabelado. Informações coletadas pelo inventário do carimbó em fontes documentais, bibliográficas e principalmente através de entrevistas dão conta de que a manifestação está tradicionalmente associada às comemorações pelo término de um dia de colheita e às celebrações festivo-religiosas em homenagem a santos padroeiros, notadamente aqueles cultuados por antigas irmandades negras, como as de São Benedito (COSTA, 2011).

Atualmente o carimbó é praticado em uma extensa área do Estado do Pará que vai da fronteira com o Amapá até as proximidades do Estado do Maranhão. Na região do Baixo Amazonas, o Município de Santarém possui referências históricas desta manifestação com alguns grupos atualmente em atividade. Mas, é, sobretudo na região denominada Salgado Paraense, principalmente na cidade de Marapanim que ocorre a maior incidência de grupos e festejos de carimbó no Estado.

Costa (2011) comenta que o carimbó passou por um processo quando da sua inclusão nos espaços urbanos, não era aceito como dança urbana, porém, devido ao próprio contexto histórico por qual passava o país, com manifestações contra o regime político vigente, bem como, o surgimento da Bossa Nova anos antes, que já estimulava a realização de festivais voltados para experimentação de outros gêneros musicais.

Foi em meio a este processo que o carimbó passou a ser mais aceito e divulgado, se caracterizando como grande expressão cultural do norte do país. A sua popularização incentivou a formação de dois grupos com objetivos e visões diferentes acerca desta manifestação. O grupo designado “pau e corda” defendia o carimbó de raiz, tentando protegê-lo de elementos mais comerciais e de instrumentos eletrônicos, como as guitarras e os baixos, por exemplo, o outro grupo tentava firmá-lo como um produto no disputado mercado da música.

Para Costa (2011) as principais características que diferenciam o carimbó raiz do moderno se referem ao seu instrumental específico, a dança e a música. Os instrumentos do carimbó raiz incluem três grandes tambores de madeira (os carimbós), que possuem uma extremidade coberta com couro animal, tocados normalmente na horizontal. Além disso, em alguns casos, um segundo tocador realiza o contratempo da marcação do toque do couro, com baquetas de madeira na parte traseira do tambor. Já as letras das músicas são bastante alegres, com temas e linguagem regional, retratando o cotidiano dos povos que vivem na região em que o carimbó começava a se manifestar.

É fato que o carimbó conquistou reconhecimento em nível nacional devido a vertente mais comercial, que divulgou o ritmo por todo país, no entanto, é preciso compreender que a tradição desta manifestação necessita da notoriedade que lhe é própria, mesmo assim, em 2014, o carimbó foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Iphan – o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao referir-se a dança do carimbó como arte experimentada na cultura Amazônica, foi possível observar o dinamismo, a originalidade e criatividade, considerando a revelação, a interpretação e criação da sua própria realidade.

Nesse sentido, nota-se que a arte da dança do carimbó representa a forma do amazônico expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. Assim, a arte é representada pela música e em especial na dança.

Registra-se que após o seu surgimento, a arte evoluiu e ocupa um importante espaço na sociedade, considerando que sua representação tornou-se indispensável principalmente para todos aqueles que apreciam a dança do carimbó como manifestação folclórica, ritimado por uma espécie de tambor africano feito com um tronco escavado internamente, onde, em uma das extremidades é aplicado um couro descabelado. E esta manifestação está tradicionalmente associada às comemorações pelo término de um dia de colheita e às celebrações festivo-religiosas em homenagem a santos padroeiros, notadamente aqueles cultuados por antigas irmandades negras, como as de São Benedito.

Foi observado que para a antropologia cultural, manifestação cultural é toda forma de expressão humana, seja através de celebrações e rituais ou através de outros suportes como imagens fotográficas e filmicas, assim como, as expressões das culturas humanas também são veiculadas através de outras linguagens, escritas ou verbais. Reza a Constituição Brasileira de 1988, que os bens sócio-ambientais diferem-se em culturais, históricos, artísticos, arqueológicos, etnográficos e paisagísticos. Esses bens têm a característica de estarem vinculados à história, memória ou cultura do país.

Atualmente o carimbó é praticado em uma extensa área do Estado do Pará que vai da fronteira com o Amapá até as proximidades do Estado do Maranhão. Na região do Baixo Amazonas, o Município de Santarém possui referências históricas desta manifestação com alguns grupos atualmente em atividade. Mas, é, sobretudo na região denominada Salgado Paraense, principalmente na cidade de Marapanim que ocorre a maior incidência de grupos e festejos de carimbó no Estado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte\Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. São Paulo: Estudos Avançados 9, 2006.

COSTA, Tony Leão da. Carimbó e Brega: Indústria cultural e tradição na música popular do norte do Brasil. **Revista Estudos Amazônicos**. v. 6, n. 1, 2011, p. 149-177.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2010

GUEDES, Paulo Coimbra. Da redação à produção textual: **ensino da escrita**. São Paulo: Parábola, 2009

LOUREIRO, Joao de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup. 2001.

MAUÉS, Rymundo Herald. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico: Um Estudo Antropológico numa Área do Interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 2009

NOVO, Hildenise Ferreira. **A elaboração de taxonomia: princípios classificatórios para domínios interdisciplinares**. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Niterói, 2010.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri: Manole, 2007.

VERÍSSIMO, Jose. **Estudos amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

Recebido em: 21/08/2020

Aceito em: 26/02/2021